

# Corpo feminino e a comida: entrelaçamentos e resistência através de imagens frutíferas

## The female body and food: interweaving and resistance through fruitful images

Letícia Romariz<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe uma análise ecofeminista (Brandão, 2003; Mies; Shiva, 2014) sobre as associações do corpo feminino com a comida (Moll, 2021), especificamente as frutas. Por meio da análise e comparação dos poemas “Invitation” (1984, p. 10-11) de Grace Nichols e “the art of growing” (2017, p. 94-96) de Rupi Kaur, proponho que olhemos o campo da comida para além de seu caráter alimentício e enxerguemos como as frutas ser usadas para produzir imagens capazes de ressignificar a sexualização e inferiorização do corpo feminino na sociedade ocidental.

**Palavras-chave:** Comida. Corpo. Feminismo. Ecofeminismo. Frutas.

**Abstract:** This work proposes an ecofeminist analysis (Brandão, 2003; Mies; Shiva, 2014) about the connections between the female body and food (Moll, 2021), specially fruits. Through the analysis and comparison of the poems “Invitation”(1984, p. 10-11) by Grace Nichols and “the art of growing” (2017, p. 94-96) by Rupi Kaur, I propose we look at the field of food beyond its nutritional character and see how fruits can be used to produce images capable of re-signifying the sexualization and undermining of the female body in western society.

**Keywords:** Food. Female Body. Feminism. Ecofeminism. Fruits.

---

<sup>1</sup> Doutoranda Pós-Lit/UFMG. E-mail: leticiaromriz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3434-9887>.

\*Artigo recebido em 30 de junho de 2024 e aceito para publicação em 28 de setembro de 2024.



## Introdução

Em 1974 a teórica francesa Françoise D'Eaubonne lança seu livro *Féminism ou la Mort* e cunha o termo Ecofeminismo, inaugurando, assim, uma inovadora linha de estudos. Atualmente, 50 anos após o lançamento do livro, o ecofeminismo já constitui uma linha de pesquisa reconhecida e valorizada dentro das universidades e nos movimentos políticos e ativistas, mesmo se no Brasil ainda tenha uma divulgação acanhada. Dentro do cenário brasileiro, retomo o texto publicado pela professora Izabel Brandão em 2003 no livro *Refazendo Nós, "Ecofeminismo e Literatura: Novas Fronteiras Críticas"*, um dos primeiros (se não o primeiro) texto no Brasil a abordar o ecofeminismo.

Ecofeminismo, como o nome já antecipa, trata da conexão entre teorias ecocríticas e o feminismo. Entretanto, vai além disso. Como estabelecido por Greta Gaard e Patrick Murphy (1998), o ecofeminismo baseia-se não apenas no "reconhecimento das ligações entre a exploração da natureza e a opressão das mulheres ao longo das sociedades patriarcais", mas também no "reconhecimento de que essas formas de dominação estão ligadas à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo"<sup>2</sup> (p. 3). Outra visão do movimento é definida por Maria Mies e Vandana Shiva (2014) como fomentando a necessidade de uma nova cosmologia e uma nova antropologia que reconheçam que a vida na natureza (que inclui seres humanos) é mantida mediante cooperação e amor e cuidados mútuos (p. 6). Essas diferenças de visões são explicadas pela variedade de origens e visões dentro do próprio ecofeminismo. Da mesma forma que existem muitos feminismos e muitas perspectivas, o ecofeminismo também possui suas divisões.

O consenso que une essas vertentes dentro do ecofeminismo é a compreensão de que as mesmas atitudes patriarcais que degradam a natureza são responsáveis pela exploração e abuso das mulheres (Salleh, 1993, p. 98). Em outras palavras, tal associação discutida entre mulher e natureza (e entre diversas outras classes de seres marginalizados) é uma construção social e é partir dela que tais classes são exploradas. Seguindo o que Brandão propõe, nossas incursões no campo do ecofeminismo vão abordar essa relação de maneira a ressignificá-la, ou retencê-la (2003, p. 469), para que novos significados e novas relações possam surgir. A relação entre mulher e natureza se dá a partir de uma falsa ideia de proximidade biológica. Por serem associadas com a reprodução da espécie, a biologia feminina foi usada por muito tempo para justificar tal conexão (Ortner, 2017). Entretanto, ao

<sup>2</sup> Tradução do texto realizada por Izabel Brandão (2003).



compreendermos que o natural e o cultural são duas faces de uma mesma moeda e que a biologia não é destino e sim a forma como a compreendemos socialmente é que cria papéis sociais, compreendemos também que tais associações foram usadas para inferiorizar uma classe ao conectá-la com uma categoria já socialmente inferiorizada – a natureza.

Entendendo tal contexto, podemos perceber como a conexão entre mulher e natureza é realizada através o corpo. Dentro dos estudos feministas, o corpo foi estudado e debatido por muito tempo e, no ecofeminismo, ele volta ao centro de discussões por ser justamente o ponto de encontro destas duas categorias. A materialidade do corpo, em uma ilógica oposição binária com a transcendência da mente, é o que traz o feminino para perto da natureza na lógica ocidental colonizadora e patriarcal que compreende a natureza – e, por consequência, a mulher – como passiva, inferior e passível de exploração. Apesar de essa ser a razão pela qual muitas feministas terem se mostrado relutantes ao longo do tempo de se envolverem com o corpo (Price; Shildrick, 1999, p. 3), é por causa dela que eu acredito que o corpo é a rota teórica para ressignificar tal associação. Se é através do corpo que essa lógica de exploração é construída e mantida, então deve ser a partir dela que tal lógica deve ser questionada e desmontada.

Neste artigo, eu foco na relação entre o corpo feminino e a comida enquanto elemento natural nas obras das autoras Grace Nichols e Rupi Kaur para repensar as categorias envolvidas na discussão exposta até aqui. Grace Nichols é uma autora caribenha, nascida na Guiana, que se muda para o Reino Unido na década de 1970 e começa a escrever nesse movimento diaspórico sobre diferenças culturais, o patriarcado, o corpo, raça e diversos outros temas. Assim como ela, Rupi Kaur também é uma escritora diaspórica que tem no corpo feminino um tema central. Kaur nasceu na Índia, mas ainda muito nova se muda com a família para o Canadá, carregando suas raízes culturais nas suas obra. Ambas as escritoras possuem poemas que relacionam o corpo feminino com elementos da comida e eu escolho esse tema para análise por ser a comida uma possibilidade de mediação.

## Entrelaçando comida e o corpo feminino

O maior e mais íntimo contato do ser humano com o mundo ao seu redor é através da comida. Não apenas dividimos o mesmo espaço físico ou experiências, mas de fato ingerimos o elemento natural e ele passa a fazer parte do nosso corpo, de nós. É por essa razão que a relação do corpo com a comida é tão complexo, pela visceralidade da interação. A comida é, ba-



sicamente, tudo aquilo que o ser humano come e define como comestível. Na literatura, ela pode ser matéria, uma sensação gustativa, um fenômeno histórico ou sociocultural, uma prática social, um elemento puramente nutricional ou uma característica da própria ordem do ser (Appelbaum, 2018, p. 130-131). Apesar das várias formas pelas quais podemos compreendê-la e encontrá-la na literatura, podemos ver que a comida se torna o que nós, seres humanos, fazemos dela e quais sentidos atribuímos a ela. A comida provém, de fato, da natureza e dos elementos que plantamos, colhemos ou criamos no que consideramos o mundo natural. Entretanto, para esses elementos se tornarem de fato comestíveis, eles precisam ser manipulados e transformados. Este processo de transformação torna-os, então, elementos culturais. Vemos, portanto, como podemos criar diferentes caracterizações desse elemento. Esse fato aponta para a capacidade que a comida tem enquanto imagem literária e a força que ela possui no nosso imaginário. De acordo com Massimo Montanari, a comida torna-se cultura também porque, apesar de podermos comer tudo, não comemos, mas escolhemos o que comer, como comer e quando comer (2006, p. xi). Em sua discussão sobre a diferença e oposição do binário natureza e cultura, Montanari mostra como essa oposição é em grande parte ficcional (2006, p. 10). A comida, por sua vez, pode ser um meio para mostrar esse caráter ficcional e criar pontes dentro deste dualismo e entre tantas outras categorias vistas como binárias e que acabam ganhando diferentes juízos de valor.

Comida é um termo amplo e pode ser atribuído a diversos tipos de alimentos. Existem alguns tipos, porém, que merecem uma atenção individualizada por sua importância. Aqui, eu foco nas frutas como elementos de associação com o corpo feminino nos poemas em que analiso. Faço essa escolha pela presença simbólica das frutas na vida e história humanas ao longo do tempo. De acordo com Adam Leith Gollner (2008), o desenvolvimento humano e a nossa evolução devem muito às frutas (np). A maioria das nossas histórias e mitos sobre a origem humana possuem como símbolos frutas, seja em Adão e Eva, no Popol Vuh, os Cherokees e o morango, a manga no Sul da Índia ou tantos outros exemplos. A maioria das invenções humanas que permitiram a nossa evolução nos tempos primordiais assim como as principais mudanças no nosso comportamento também estão relacionadas às frutas. A capacidade de diferenciar as cores verde e vermelho, por exemplo, origina-se da necessidade de identificar frutas vermelhas (maduras) em um mar de folhas verdes (Gollner, 2008, np); a invenção da roda para transporte de frutas e a própria escrita para monitorar transações também foram



influenciadas pela necessidade criada pelas frutas em nossas vidas (Gollner, 2008, np). Frutas, são, portanto, um dos tipos de alimentos que mais possuem conexão com a história humana.

No campo simbólico, as frutas também são identificadas com a vida. A fruta é, basicamente, o fruto da reprodução das plantas. É símbolo, então de reprodução, fertilidade e, ultimamente, de vida (Gollner, 2008, np). Além disso, o próprio objetivo da fruta é o de dispersão, de reprodução da vida através da disseminação das sementes daquela planta. Retomando o que foi discutido acima sobre a suposta conexão entre mulher e natureza, é compreensível, então, que esse símbolo de reprodução tenha sido utilizado ao longo da história em associação com o corpo feminino, também simbolicamente lembrado por suas capacidades reprodutivas (Ortner, 2017, p. 99). Esse uso, entretanto, deve ser repensado, assim como a própria relação da mulher com a natureza. Apesar de não apoiar um afastamento nessa conexão, eu entendo que ela deve ser recriada para que a exploração sexual e a exploração simbólica feminina possam ser superadas. Nas obras de Nichols e Kaur encontramos uma reconfiguração desta relação através do uso de frutas representando o corpo feminino, apontando para outros caminhos possíveis dentro da relação fundamental que temos com a natureza por sermos, todos, parte dela.

O poema "Invitation" de Grace Nichols, do livro *The Fat Black Woman's Poems* (1984, p. 10-11), é dividido em duas partes. A primeira é uma reflexão dessa mulher preta e gorda sobre o que podemos entender como comentários sobre o seu corpo, principalmente no tocante ao seu corpo gordo.

1  
If my fat  
was too much for me  
I would have told you  
I would have lost a stone  
or two  
  
I would have gone jogging  
even when it was fogging  
I would have weighed in  
sitting the bathroom scale  
with my tail tucked in  
  
I would have dieted  
more care than a diabetic



But as it is  
I'm feeling fine  
felt no need  
to change my lines  
when I move I'm target light

Come up and see me sometime<sup>3</sup>

Na primeira parte, como podemos ver, a mulher preta e gorda aborda o que podemos inferir como comentários negativos sobre seu peso. Ela reflete, ao longo das estrofes, como está contente com o seu corpo e seu tamanho. Entendendo que os padrões de beleza no mundo ocidental são referentes a um corpo magro (e branco), ao afirmar com tamanha segurança e um humor ácido sua satisfação com o seu corpo, questiona essas próprias normas. Essa satisfação, por si só, pode ser considerada como um ato de rebeldia e transgressão aos padrões de beleza que tentam controlar corpos, pessoas e ações ao estipular uma única maneira correta ou melhor de ser e existir. Padrões de beleza não são meros elementos superficiais de uma cultura, mas são uma forma de controle e coerção (Bordo, 2003, p. 27). Através de tais padrões o corpo pode ser controlado e restringido, fazendo com que a atitude de mulher preta e gorda no poema seja, então, um enfrentamento a uma ordem colonial e patriarcal.

O verso que finaliza essa primeira parte do poema é um convite expresso para que o leitor/a leitora venha ver esse corpo em que a mulher preta e gorda se sente tão confortável. Esse verso também abre a segunda parte do poema e ao ser repetido se torna também um convite para que pensemos em quais formas o corpo feminino geralmente é representado. Um convite ao corpo feminino geralmente é um convite, na sociedade em que nos encontramos, feito por terceiros no sentido de exploração desse corpo. Quando esse convite vem da própria mulher preta e gorda, não como uma exploração sexual para sim para conhecer esse corpo transgressor, muitas das normas patriarcais são subvertidas. Essa frase também é atribuída à atriz e cantora estadunidense Mae West por ser o título de uma de suas músicas. Mae West é considerada uma das figuras mais controversas existentes e foi um “sex symbol” na sua época, demonstrando uma postura de rebeldia às normas impostas às mulheres em torno da questão da liberdade sexual.

<sup>3</sup> Tradução livre: “Se minha gordura / fosse demais para mim / eu teria lhe dito / eu teria perdido um pedaço / ou dois / Eu teria ido correr / mesmo quando estivesse frio / Eu teria me pesado / na balança do banheiro / com o meu rabo para dentro / Eu teria feito dieta / mais cuidado que uma diabética / Mas da maneira que é / eu me sinto ótima / nenhuma necessidade / de mudar minhas linhas / quando me movo eu sou luz certa / venha me ver um hora dessas”.



Essa referência vem corroborar com a minha interpretação deste convite e da postura da mulher preta e gorda em relação ao seu corpo e à subversão das normas patriarcais.

Essa subversão é continuada na segunda parte do poema em que esse corpo é descrito como segue abaixo:

2  
Come up and see me sometime  
Come up and see me sometime  
  
My breasts are huge exciting  
amnions of watermelon  
    your hands can't cup  
my thighs are twin seals  
    fat slick pups  
there's a purple cherry  
below the blues  
    of my black seabelly  
there's a mole that gets a ride  
each time I shift the heritage  
of my behind  
  
Come up and see me sometime<sup>4</sup>

Neste trecho, o corpo é delineado a partir de elementos da natureza, incluindo as frutas. Esta associação é de fato comum no imaginário social, mas geralmente surge dentro do contexto que Liz Bellamy exemplifica como a identificação das mulheres com frutas que são parte do sistema comercial e estão disponíveis para consumo por homens (2019, np). As frutas são o produto da atividade sexual das plantas, portanto, são símbolos de fertilidade, reprodução e sexualidade. Entretanto, a presença do contexto da sexualidade feminina neste poema vai para além da presença das frutas. Os adjetivos utilizados, como “excitante”, e a referência ao “âmnio» é também marcante. O âmnio é uma camada ou membrana que forma o saco da cavidade amniótica, ou seja, parte fundamental do aparelho reprodutor humano.

Ao contrário do contexto que Bellamy descreve acima, a sexualidade apresentada no poema e a exploração deste corpo assumem uma postura diferente. O corpo é descrito de uma maneira muito sensual, mas não para

---

<sup>4</sup> Tradução livre: “Venha me ver uma hora dessas / Venha me ver uma hora dessas / Meus seios são grandes e excitantes / âmnios de melancia / que suas mãos não conseguem segurar / minhas coxas são focas gêmeas / filhotes gordinhos e escorregadios / tem uma cereja roxa / abaixo do azul / da minha barriga-mar preta / tem uma pinta-toupeira que pega carona / toda vez que eu balanço a herança / do meu traseiro / Venha me ver uma hora dessas”.



desfruto do leitor/da leitora. O corpo possui uma sensualidade intrínseca que é aproveitada pela própria mulher preta e gorda. Essa energia sexual que vemos aqui não delimita o sexual enquanto reprodução da espécie. Eu associo essa forma de pensar e sentir o sexual com o erótico teorizado por Audre Lorde como uma lente através da qual podemos examinar todos os aspectos da nossa existência (2007, p. 90), uma asserção da força vital da mulher (2007, p. 89), da energia criativa empoderada (2007, p. 89). Portanto, o sexual aqui é não apenas uma forma de exploração ou prazer, mas sim uma força e forma de vida. Interessante pensar, então, que as frutas também apontam para isso. Para além de serem o fruto da atividade sexual das plantas, elas nos lembram que o sexual é parte do ciclo da vida, pois, para que as frutas surjam, as flores precisam morrer. Em outras palavras, a energia do erótico é parte do ciclo da vida, das forças vitais que existem e o sexual faz parte de tudo isso. Ao enxergar o sexual por essa lente, podemos entender uma outra forma de relação do corpo feminino no sistema patriarcal e com si próprio, o que é justamente como entendo o que esse poema de Nichols propõe.

De uma maneira diferente, mas igualmente desafiadora, o poema de Kaur também traz as associações e explorações que o corpo feminino sofre. O poema “the art of growing” do livro *The Sun and Her Flowers* (2017, p. 94-96), apresenta a narrativa de uma adolescente sobre os acontecimentos na sua vida. O poema começa descrevendo as mudanças que seu corpo passa a sofrer na idade de doze anos. No segundo verso, a persona literária relembra “when my body began to ripen like new fruit<sup>5</sup>”, estabelecendo desde cedo a relação do corpo feminino com as frutas. Ao passar por diversas situações na escola e na vida relacionadas a assédios por conta do seu corpo, a menina descreve sua conversa com sua mãe sobre o assunto.

[...]  
when I go home I tell my mother  
*the men outside are starving*  
she tells me  
i must not dress with my breasts hanging  
said *the boys will get hungry if they see fruit*  
says i should sit with my legs closed  
like a woman oughta  
or the men will get angry and fight  
said i can avoid all this trouble  
if i just learn to act like a lady  
but the problem is

<sup>5</sup> Tradução livre: “quando meu corpo começou a amadurecer como uma nova fruta”.





that doesn't even make sense  
i can't wrap my head around the fact  
that i have to convince half the world's population  
my body is not their bed  
i am busy learning the consequences of womanhood  
when I should be learning science and math instead  
i like cartwheels and gymnastics so i can't imagine  
walking around with my thighs pressed together  
like they're hiding a secret  
as if the acceptance of my own body parts  
will invite thoughts of lust in their heads  
i will not subject myself to their ideology [...]<sup>6</sup>

Neste poema, a subversão não é mais dos padrões de beleza, mas sim da ideia de que corpos femininos estão disponíveis para serem explorados e que podem pertencer a outros. Ao se deparar pela primeira vez com a lógica patriarcal que diz que meninas devem sentar com as pernas fechadas e que se forem assediadas a culpa é delas, a eu-lírico do poema não se conforma. Neste poema, a associação do corpo com as frutas mostra como a modificação desse corpo é parte da vida e, assim como uma fruta amadurece, esse corpo também passará por processos. Apesar de vermos uma associação do corpo com frutas na fala da mãe que reverbera o discurso patriarcal, pois assim foi ensinada, a não-conformidade da adolescente traz o discurso corpo feminino-fruta para outro contexto. Ao final do poema, vemos essa não-conformidade tomar um caráter concreto quando a menina decide tomar uma atitude.

[...]  
you are not a cannibal  
your actions are not my responsibility  
you will control yourself

the next time i go to school  
and the boys hoot at my backside  
i push them down  
foot over their necks

<sup>6</sup> Tradução livre: “quando eu vou para casa e falo para a minha mãe / os homens lá fora estão famintos / ela me diz / que eu não devo me vestir com os seios à mostra / diz que os meninos vão ficar com fome se verem frutas / diz que eu devo me sentar com as pernas fechadas / como uma mulher deve / ou os homens vão ficar com raiva e brigar / disse que eu posso evitar tudo isso / se eu aprender a me comportar como uma mocinha / mas o problema é / que isso não faz sentido / não consigo entender o fato / de que eu tenho que convencer metade da população mundial / que meu corpo não é a cama deles / eu estou ocupada aprendendo as consequências da feminilidade / quando deveria estar aprendendo sobre ciência e matemática / eu gosto de dar estrelinha e de ginástica então não consigo imaginar / andar por aí com as minhas coxas pressionadas / como se elas estivessem escondendo um segredo / como se a aceitação das partes do meu próprio corpo / vai convidar pensamentos de desejo em suas cabeças / eu não vou me sujeitar à ideologia deles”.



and defiantly say  
*boobs*  
and the look in their eyes is priceless<sup>7</sup>

Ao decidir que não se conformará com tal ideologia e que essa lógica está errada, a menina enfrenta os assediadores na escola. Ela usa de duas estratégias para isso, sua força física e a apropriação do discurso. Ao falar a palavra peitos, ela faz o que esses meninos não acreditavam possível, ela aceita seu corpo, suas transformações e toma posse dele, assim como também toma posse sobre o discurso sobre ele.

A adoção da posição de agência, de tomar o controle de seu corpo, sua sexualidade, tanto no poema de Kaur quanto a mulher preta e gorda no poema de Nichols, retoma a discussão sobre a divisão entre natureza e cultura e associação da divisão e diferentes valorizações dos gêneros. De acordo com Stacy Alaimo, nós, seres humanos, sempre consideramos que somos dotados de agência, enquanto que o reino do chamado natural sempre foi considerado como passivo, inerte, incapaz de transmitir qualquer expressão independente ou significado (2010, p. 2). Dessa forma, é estabelecido mais um binário em que agência é atribuída a seres humanos e passividade aos animais (Alaimo, 2010, p. 143) e a todas os outros seres vivos. Considerando a suposta aproximação das mulheres com a natureza aqui já discutida, as noções de agência e passividade também são atribuídas aos diferentes gêneros. Assim, mulheres passam a ser consideradas como seres passivos, sem controle ou capacidade de controle sobre suas vidas e corpos. É fácil perceber como esta narrativa favorece a exploração do corpo feminino e como ela pode ser usada – e ainda é – para a manutenção de uma ordem patriarcal. Portanto, quando as personas literárias dos poemas acima usam das imagens das frutas em associação com seus corpos estão também questionando a própria lógica através da qual esse sistema foi fundado, inclusive as noções mais básicas atribuídas à natureza e, por consequência, às mulheres.

## Considerações Finais

A inversão dos papéis esperados dessas mulheres em ambos os poemas é mediado pela presença das frutas. Nossos corpos são tão naturais quanto elas e ao serem colocados lado a lado, somos capazes de nos lembrar

<sup>7</sup> Tradução livre: “você não é um canibal / suas ações não são minha responsabilidade / você vai se controlar / a próxima vez que eu vou a escola / e os meninos gritam para o meu traseiro / eu os derrubo no chão / coloco o pé sobre os seus pescoços / e desafiadoramente digo / peitos / e a expressão em seus olhos não tem preço”.



disso. Ao lembrar que somos parte da natureza, que tudo nos nossos corpos é natural, somos capazes de aceitá-los e de negar os discursos patriarcais e fictícios criados para nos controlar através do controle dos nossos corpos. Aqui, as frutas, ao nos lembrarem do ciclo de vida e de morte, de nossas energias vitais e de nossa relação com todos os seres ao nosso redor, são capazes de desconstruir a divisão tão binária entre natureza e cultura que foi criada por nós. Ao rever o que significa ser parte da natureza, também podemos então rever todos os conceitos fundados nessa ideologia. É através da aproximação do corpo feminino com o mundo natural que podemos, na análise dos poemas aqui apresentados, subverter as amarras que por tanto tempo nos limitaram. A natureza, portanto, é o caminho.

### Referências

- ALAIMO, Stacy. **Bodily Natures**. Bloomington: Indiana University Press, 2010.
- APPELBAUM, Robert. "Existential Disgust and The Food of the Philosopher". In: SHAHANI, Gitanjali G. **Food and Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 130-145.
- BELLAMY, Liz. **The Language of Fruit: Literature and Horticulture in the Long Eighteenth Century**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2019.
- BORDO, Susan. **Unbearable Weight: Feminism, Western culture, and the Body**. Califórnia: University of California Press, 2003.
- BRANDÃO, Izabel. "Ecofeminismo e Literatura: Novas Fronteiras Críticas." In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé. **Refazendo Nós: Ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003, p. 461-473.
- D'EAUBONNE, Françoise. **Le féminisme ou la mort**. Lorient: Le passager clandestin, 2020.
- GAARD, Greta; MURPHY, Patrick(orgs). **Ecofeminism Literary Criticism: Theory, Interpretation, Pedagogy**. Chicago: University of Illinois Press, 1998.
- GOLLNER, Adam Leith. **The Fruit Hunters: A Story of Nature, Adventure, Commerce and Obsession**. Ontário: Anchor Canada, 2008.
- KAUR, Rupí. **The Sun and Her Flowers**. Toronto: Simon and Schuster, 2017.
- LORDE, Audre. "The Uses of the Erotic: The Erotic as Power." In: LOVAAS, Karen E.; JENKINS, Mercilee (orgs.). **Sexualities and Communication in Everyday Life: A Reader**. Califórnia: Sage, 2007, p. 87-91.
- MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 2014.
- MONTANARI, Massimo. **Food Is Culture**. Traduzido por Albert Sonnfeld. Nova Iorque: Columbia University Press, 2006.



NICHOLS, Grace. **The Fat Black Woman's Poems**. Londres: Virago, 1984.

MOLL, Annemarie. **Eating in Theory**. Durham: Duke University Press, 2021.

ORTNER, sherry. "Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?" Traduzido por Cila Ankier, Rachel Gorenstein. In: BRANDÃO, Izabel et al. **Traduções da cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, p. 91-123, 2017.

PRICE, Janet; SHILDRICK, Margrit. **Feminist Theory and the Body: A Reader**. Abingdon: Routledge, 1999.

SALLEH, Ariel. "Second Thoughts on 'Rethinking Ecofeminist Politics': A Dialectic Critique." **Interdisciplinary Studies in Literature and Environment (ISLE)**, vol. 1, no. 2, 1993, p. 93-106.

